

O COMÉRCIO

DA PÓVOA DE VARZIM

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO CONCELHO

ANO 41 N.º 32

Sábado, 19 de Agosto de 1944

ASSINATURAS:

Póvoa, semestre 10\$00
Concelho e provincia, ano 22\$50
Estrangeiro, ano 45\$00

Director, Editor e Proprietário
MANUEL AGONIA FRASCO

Redacção e administração
Rua 31 de Janeiro

Composto e impresso nas oficinas
de «Comércio»

Rocha Peixoto

Só uma carência de meios poderia ser alegada pelo Município povoense para se eximir a levantar o monumento devido ao seu egrégio conterrâneo. Este motivo, porém, não colhe porquanto suposto mesmo que lhe têm faltado os recursos para erguer um mausoléu, como fora presumivelmente concebido pelos edis de 1909, facto do qual é lícito duvidar, nada a impediria de se desempenhar do seu dever, pagando o tributo de gratidão com outro mais singelo onde se evocasse perpétuamente quem bem amou e bem serviu a sua terra natal e a sua pátria.

E não há orçamento municipal, por mais reduzido e mais escasso, que não comporte a verba necessária para o custeio dum coval coberto com uma lápide e encimado por uma estela comemorativa.

Se isto é assim, não se lobra a razão pela qual a Câmara da Póvoa tem indefinidamente deixado ao abandono os despojos de Rocha Peixoto e não lhes deu a condigna jazida como há 35 anos foi decidido e estipulado.

A não ser que ela tenha considerado ao longo destas longas décadas que naquela personalidade científica não concorriam os méritos indispensáveis para a impôr à veneração pública.

Mas não. Eu não quero, nem por hipótese, admitir tal absurdo e supponho que a corporação administrativa á qual são confiados os destinos da Póvoa nunca deixou de reconhecer o extraordinário valor do célebre filho desta terra, aliás, proclamado «urbi et orbis».

Todos sabem, de resto, quando mais não seja por tradição, que Rocha Peixoto foi a alma da «Por-

tugália» a qual tanto concorreu para a renovação da mentalidade portuguesa nos começos deste século, foi um dos homens de mais relêvo em todos os sectores da inteligência e do saber onde teve de exercer a sua actividade e foi um dos obreiros da maior abnegação científica na sua labuta construtiva, consumindo absolutamente a vida ao serviço da «Grei».

Não obstante isso permito-me exarar aqui alguns traços da sua fisionomia intelectual e da sua dedicação à terra que lhe foi berço.

Ainda moço lançava com outros a «Revista de Ciências Naturais e Sociais» onde colaboraram os mais altos valores da mentalidade portuguesa, e secretariava a «Revista de Portugal» do seu fulgente conterrâneo Eça de Queirós.

Naquela publicou Rocha Peixoto, aos 25 anos, o seu primeiro trabalho de vulto — «A Tatuagem em Portugal» — que lhe abriu as portas da Academia das Ciências e arrancou a Lombroso estas palavras: «A sua notável memória é o estudo mais admirável que se tem publicado sobre Antropologia Criminal nos últimos vinte anos».

Preconizando soluções, versou com proficiência os problemas de mais interesse para a «Terra Portuguesa», sobretudo os económicos, alguns dos quais, pela pressão das circunstâncias, estão

agora a ser encarados de frente.

Na «Portugália» deu a medida do seu talento e da vastidão dos seus complexos conhecimentos num sem número de Comentários, Comunicações e Notícias, assim como numa série magistral de monografias etnográficas, de entre as quais destaque «As Olarias de Prado» e «As Filigranas», pois qualquer delas, pelo brilho da forma, pelo rigor do inquérito pessoal, pelo revestimento erudito e pelas ilações formuladas com sagaz penetração de pensamento, faria em toda a parte a reputação dum cientista.

O último estudo de Rocha Peixoto, que é um esplêndido sumário de «A Serra» — um dos volumes da trilogia em preparação quando a morte abruptamente o levou e ao qual ele deu o título de «Formas da Vida Comunalista em Portugal», mereceu ao grande historiador e sociólogo do país vizinho, D. Joaquim Costa, o seguinte conceito: «Com a publicação deste estudo prestou um alto serviço à ciência europeia».

Analogamente se exprimiu Leon Poinard ao comunicar-me de viva voz o seu juízo sobre o seu notável ensaio que eu lhe dera a conhecer.

Por outro lado foi salutarmente fecunda a actividade prodigiosa desse espírito omnimodo na Biblioteca Pública e no Museu Municipal do Porto e ficaram modelares certos catálogos do Museu de Geologia da antiga Academia Politécnica desta cidade.

Concorreram, pois, em Rocha Peixoto, como escritor, economista, etnógrafo, bibliotecário, professor, arqueólogo, naturalista, que sei eu, as nobres virtudes intelectivas e cívicas pelas quais se inscrevem no fiso da glória os nomes dos varões ilustres duma pátria.

Esta invulgar individualidade, apesar de constantemente absorvida pelo seu complexo labor oficial e científico, assim como pela inerente acção social, não lançou ao esquecimento a cidade da Póvoa que o viu nascer.

Ninguém mais do que ele deu provas de carinhoso e dedicado amor à terra natal, para quem foi uma das suas derradeiras lembranças, legando-lhe os seus livros, isto é, os seus instrumentos de trabalho e companheiros de estudo. Isto vale imenso como símbolo.

De resto, se mais nada lhe legou, facilmente se explica pelo facto de não ser, entre nós, apanágio dos sábios, o angariar bens de fortuna.

Mas, irradiando uma atraente simpatia e dando-se a uma captivante expansão, uma vez quebrada a reserva dos primeiros contactos, Rocha Peixoto foi muito e muito estimado e admirado por todos os seus concidadãos com os quais manteve o mais cordial comércio de relações e sobre os quais logrou ter uma insuperável ascendência de que usou em benefício da Póvoa.

Foi graças à sua influência e às suas directrizes que se fez a depuração e restauro da «Domus Municipalis» uma das mais consideráveis do país pelas suas linhas graves e pelo seu carácter de monumentalidade expressiva duma época.

Foi pela sua sugestão e pela sua iniciativa que se fixou no bronze a memória de dois poveiros: Eça de Queirós, o génio das letras e o Cego do Maio, o génio do heroísmo.

Foi ele quem sustentou a ques-

tão da naturalidade do autor de «O Crime do Padre Amaro»; quem solicitou e proporcionou a Fonseca Cardoso as possibilidades para realizar o estudo antropológico de «O Poveiro», quem procurou desvendá-lo, desde a remota proto-história, as origens da região varzínica.

Neste último intuito obteve do falecido benemérito povoense, António Graça, os meios indispensáveis para a exploração da Cidade de Terroso que dirigiu com José Fortes ao qual incumbiu, em sequência, a tarefa de indagar e revelar o embrionário povoado luso-romano.

Ainda, quando por seu incitamento e estímulo, o grande historiador Alberto Sampaio escreveu «As Póvoas Marítimas», Rocha Peixoto apressou-se a publicar á sua custa uma separata da parte referente á Póvoa-de-Varzim que distribuiu pelos seus conterrâneos afim de os tornar conhecedores da sua histórica aparição medieval.

Foi ele, enfim, quem me demoveu ao serviço da terra natal, a escrever as páginas sobre a igreja românica de «S. Pedro de Rates».

Outros empreendimentos seus de vulgarização ou memorativos, em preparo, foram sustados pela fidelidade que brutalmente o levou á vida.

Se isto foi deplorável, mais o foi o facto de não lhe ter permitido

o Destino escrever a epopeia etnográfica do pescador — «O Mar» — ou seja um dos volumes da trilogia já referida para a qual se documentara, através de todos os sacrificios, num inquérito pessoal de largos anos.

Ora foi a memória deste homem de saber multiforme e a todos os títulos notável pela sua apaixonada devoção à terra natal e á «Grei» que a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim se comprometeu a perpetuar por um gesto da sua espontânea vontade.

Vai há trinta e cinco anos! Para quando a execução do facto, isto é, do monumento?

E' tempo de dar solução a este singular caso jurídico e ao mesmo tempo moral e cívico.

MANUEL MONTEIRO

N. da R. — O magnífico artigo que publicamos acima, do ex.º sr. dr. Manuel Monteiro, foi transcrito do «Primeiro de Janeiro» da penúltima sexta-feira. Ao publicá-lo nas nossas colunas não nos move outro fim que não seja o de querermos mostrar aos poveiros o muito que Rocha Peixoto, nosso ilustre conterrâneo, fez pela sua Terra e pela sua Pátria.

Há ainda entre nós pessoas que ouvem falar dessa figura gloriosa de sábio e de português, mas que desconhecem em absoluto o muito que a Pátria lhe ficou devendo.

Por isso, o artigo do ex.º sr. dr. Manuel Monteiro satisfaz a nossa alma de poveiros e daqui, desta terra que foi berço de Rocha Peixoto, felicitamos vivamente s. ex.º por tornar conhecido de uns e lembrado de outros Aquêles com quem a Póvoa de Varzim está em dívida.

Sanatório

No último número do «Comércio da Póvoa», comunicamos ao público que o Stadium não tinha sido cedido á Comissão Pró-Sanatório para a realização dum Concurso Hípico e dum desafio de football.

Nesta notícia, feita apenas para agradecer ás entidades que tinham trabalhado para a possível realização das duas festas, não se citava sequer qual a entidade que havia recusado esse pedido nem a propósito se fazia o menor comentário.

Como é norma já assente que a propósito do Sanatório se não estabelecesse polémica de nenhuma qualidade ou qualquer ordem e visto que ninguém se pode sentir ofendido com a redacção da notícia que exprime apenas a pura verdade da não cedência do campo, não publicaremos, sem desprimor para quem a subscreve, uma carta que a tal propósito recebemos.

As razões que levou essa entidade á não cedência do campo, razões pela primeira vez invocadas na história já longa do Stadium, podem ser explicadas pela mesma entidade a quem lho perguntar.

E para se ver que continuamos na mesma atitude continuamos a não dizer qual a entidade que negou o campo.

Festa do Mar

A exemplo dos anos anteriores, realizou-se no dia 15 do corrente, no salão nobre do nosso Casino, gentilmente cedido para esse fim pelo nosso presado amigo sr. Artur Aires a 6.ª Festa do Mar, iniciativa do ilustre capitão do nosso porto, sr. Comandante Lanhoso.

Foi uma festa encantadora que deixou em todos os que a assistiram, as mais gratas recordações pelos belos momentos passados naquele ambiente tão familiar.

Esplanada do Carvalho

A Esplanada do Carvalho é um bom passeio para toda a gente, um retiro agradável junto do alto-falante. Notamos, porém, que naquele recinto devia existir um melhor policiamento, por quanto há matulotes que fazem daquilo centro de brincadeira, o que se torna lamentável e pouco recomendando o progresso da nossa terra.

Podemos providências para este caso.

Confraternização médica

Tal como no ano passado, os médicos que actualmente se encontram em varzeiro entre nós reúnem-se no próximo domingo, 27 do corrente, em almoço de confraternização.

Consta-nos que este ano o encontro se realizará numa das mais ridentes freguesias limítrofes, sendo o transporte feito em caminheta.

A inscrição deverá abrir brevemente no Diana-Bar.

A favor

das casas de beneficência

Grupos de gentis meninas da Póvoa envergando o típico traje poveiro, vão percorrer amanhã, os principais pontos do nosso bairro balnear na recolha de donativos para as nossas casas de beneficência. Acompanham-nas os nossos Voluntários, verdadeiros Soldados da Paz nessa missão nobre e altruísta. A iniciativa partida do sr. Comandante Coutinho Lanhoso, vai, por certo, encontrar bom ambiente no meio da nossa distinta colónia balnear, sempre pronta a socorrer as nossas casas de beneficência, que o mesmo é que dizer — a socorrer os nossos pobres.

Que as simpáticas meninas vejam os seus esforços coroados de êxito, são os nossos votos.

Rua 31 de Janeiro

Vários moradores da Rua de 31 de Janeiro pedem nos para chamarmos a atenção do sr. Presidente da Câmara para o estado de limpeza e piso daquela rua, que é detestável e cheio de covas.

Trata-se duma artéria de grande movimento e que deve merecer por isso a atenção dos nossos dirigentes.

Ao sr. Presidente da Câmara trazemos este caso, e confiamos em que s. ex.º não deixará de tomar as necessárias providências.

Fontenários

No bairro balnear, a exemplo do Porto e Lisboa, foram colocados fontenários ou bebedouros públicos, de grande utilidade. Dão eles uma nota bem frisante do nosso crescente progresso.

No entanto, bom é que o policiamento, junto de tais bebedouros, se não faça sentir, para que a utilidade em vista não resulte nula por parte da criança que tudo estraga e inutiliza, aquilo que, como no caso presente, tanto a beneficia e interessa.

Falta de água

Há casas balneares que têm água no rés-do-chão e a não têm nos primeiros andares. Falta de pressão, atribuída á canalização geral ou ao grande consumo de Agosto?

Seja como for. O caso traz sérias arrelias ás pessoas a quem falta o precioso líquido e como tal o problema tem de ser resolvido para bem da Póvoa. Haver água em abundância, ter os reservatórios cheios e o povo sem as suas comodidades, não está certo. Perde o bom nome da terra e perdem os réditos camarários.

Documentos em todos os géneros
MANUEL PINTOR
RUA DA IGREJA — PÓVOA DE VARZIM

Festas d'Assunção

Sai amanhã a tradicional Prociissão d'Assunção, a que a classe piscatória poveira deu, em anos atrás, o maior brilho e esplendor.

A sua Irmandade tem empregado, neste ano, os seus maiores esforços para que o préstito religioso, um dos mais ricos e magestosos do País, não desmereça, antes ultrapasse em brilho, aqueles que se realizaram nos tempos aureos da nossa classe piscatória.

A auxiliá-la, tem uma comissão de poveiros que conseguiu a verba indispensável para o tiroteio e embandeiramento de barcos. O tiroteio, vai ser rijo. A' passagem da procissão enfrente ao Casino, irromperão de todos os barcos e do extenso areal da praia, milhares de dúzias de foguetes. Para este numero não faltou o apoio decidido da nossa Câmara, da Casa dos Pescadores e do sr. Artur Aires, que concorreram com os seus importantes donativos para que o mesmo resulte imponente e cheio de grandeza.

Hoje, á noite, no largo fronteiro á Lapa haverá um festival com iluminações e sessões de fogo do ar com o concurso das bandas da Policia de Segurança Pública do Porto e de Freamunde. Na Prociissão tomam parte as bandas dos Passarinhos, a de Vila do Conde e a da Oficina de S. José, de Guimarães.

Bairro sul

Do Castelo para o sul, em ruas e bécas, que dão para a Praia do Pescado há muitos adjectos e porcarias que em nada prestigiam a nossa terra, produzindo moscas e mosquitos coisas feias em plena via pública.

A' Ex.ª Câmara lembramos este caso. E' um caso público, que deve merecer a sua atenção.